



issn: 2176-5960

Προμηθεύς
journal of philosophy



January – April 2024 N. 44

AS FIGURAS GORGIANAS: O USO DO PARALELISMO EM *EPITÁFIO*

THE GORGIAN FIGURES: THE USE OF PARALLELISM IN *EPITAPH*

*Thatiane Santos Meneses*¹

Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo analisar a presença das figuras de linguagem nos discursos gorgianos. Górgias de Leontinos é reconhecido por estudiosos dos sofistas como um dos principais representantes deste movimento filosófico e tal alcunha se deve ao fato de Górgias dotar de um grande poder persuasivo, relacionado ao uso frequente de figuras de linguagens em seus discursos. A pesquisa tem como objetivos específicos investigar o uso da figura de linguagem de repetição estrutural paralelismo presente na obra gorgiana *Epitáfio* e mensurar a implicação da utilização da referida figura do discurso retórico na mesma obra. O tema é relevante para a compreensão do estilo do discurso retórico de Górgias.

Palavras-Chave: Górgias. Discurso. Figuras de Linguagem. Persuasão. Retórica.

Abstract: This research aims to analyze the presence of figures of speech in Gorgian discourses. Gorgias de Leontinos is recognized by scholars of the sophists as one of the main representatives of this philosophical movement and this nickname is due to the fact that Gorgias has great persuasive power, related to the frequent use of figures of speech in his speeches. The research has as specific objectives to investigate the use of the figure of speech of structural repetition parallelism present in the Gorgian work *Epitaph* and to measure the implication of the use of the referred figure of the rhetorical speech in the same work. The theme is relevant for understanding the style of Gorgias' rant.

Keywords: Gorgias. Speech. Figures of Language. Persuasion. Rhetoric.

¹ Advogada, Licenciada em Filosofia, Graduanda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe, Pós-graduada em Direito Civil e Processual Civil e em Ensino de Filosofia, Mestre em Filosofia, Doutoranda em Filosofia do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: thatianesm@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5796008754557530>.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar a figura de linguagem de repetição paralelismo presente em *Epitáfio*, também chamado de Oração Fúnebre, texto que foi escrito por Górgias de Leontinos para homenagear os guerreiros mortos na guerra do Peloponeso.

Górgias de Leontinos era integrante do movimento sofista, que tinha como principal característica o ensino da arte retórica para os atenienses, especialmente os jovens que almejavam ingressar na carreira política, muitos deles inspirados pelo estadista Péricles, que comandou a Grécia nos idos do século V a.C. E este talvez seja um dos únicos registros fiéis sobre a vida de Górgias, já que se sabe tão pouco sobre sua vida, a exemplo de sua data de nascimento, que é provável que tenha sido entre 485 e 480 a.C.

Outro fato que é consenso entre os pesquisadores do movimento sofista é que Górgias, por volta dos anos 427 a.C., fizera uma viagem para Atenas a fim atuar como embaixador de Leontinos. Sua missão era persuadir o governo ateniense a prestar assistência militar ao seu povo contra Siracusa. Pode-se afirmar que esta foi a primeira vez que Górgias chamou a atenção dos atenienses para seus discursos.

Foram achados poucos escritos deixados por Górgias. Sabe-se que a ele são atribuídos seis textos: *Elogio de Helena*; *Defesa de Palamedes*, *Epitáfio*; *Tratado do Não-Ser*; *Discurso Pítico* e *Discurso Olímpico*. Do *Tratado do Não-Ser*, não fora localizado o texto original. Do *Epitáfio*, nos chegaram apenas fragmentos. Os dois discursos se perderam. Apenas o *Elogio de Helena* e a *Defesa de Palamedes* foram achados intactos.

Não há como falar sobre a produção discursiva de Górgias sem mencionar o seu interesse pela retórica, especialmente porque o leontino era notadamente conhecido como mestre desta arte². Para o leontino, a retórica é a arte do logos e abrange outras questões que não só o discurso. Para ele a retórica é algo tão forte que é capaz de influenciar as pessoas e isso justamente por conta do poder persuasivo.

O estudo sobre a retórica remonta a Grécia Antiga e ao contrário do que muitos defendem, ele não foi iniciado por Aristóteles, sua criação é atribuída aos sicilianos da primeira metade do

² ROMILLY (2017, p. 127).

século V, Córax e Tísias, ocorre que o estagirita foi o primeiro a compilar suas observações sobre a retórica. A princípio a retórica era utilizada no meio jurídico como argumento da probabilidade.

Para Platão, a retórica seria a execução da justiça e, embora soubesse que a relação entre retórica e sofística era bem estreita, o seu preconceito em relação aos sofistas fazia com que o mesmo afirmasse que a sofística nada mais era que a prática de discursos com o fim de ludibriar os ouvintes e dar aparência de justiça, mas não a justiça propriamente dita. Em razão disso, antes de defender que a retórica e a filosofia andavam juntas, Platão primou por afastar os sofistas da retórica.

Aristóteles, em sua obra *Retórica* (1354a1) defende que a “retórica está em todas as outras ciências. Não pertence a nenhuma em específico”. Para o estagirita (1355b30), a arte retórica seria definida como “faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão”. Mais adiante ele complementa falando que a “aquilo que é persuasivo o é para alguém, e algo é persuasivo quer porque é de imediato e por si só evidente, quer porque parece ser demonstrado a partir de outras premissas que são elas, persuasivas e convincentes” (1356b30).

Para os estudiosos da língua, temos que a retórica está intimamente ligada com a preocupação que os efeitos do discurso, seja ele oral ou escrito, provocam nas pessoas. É importante frisar que a retórica sempre teve como mote analisar a reação que um discurso provoca nas pessoas. Um discurso pode gerar um menor ou maior impacto em sua plateia por meio da utilização de diversos elementos: as palavras utilizadas, o modo como o orador se apresenta, a capacidade do orador em despertar ou não emoções em seus ouvintes, dentre outros. Todos esses elementos compõem o estilo do autor do discurso. Como bem explicitado por Henriques (2011 p. 32) “Seja na retórica clássica, seja na prática contemporânea da construção de um texto, há um agente da ação de linguagem que se concretiza como discurso”.

Uma das características mais marcantes das obras de Górgias diz respeito a sua técnica de argumentação e persuasão. Ele considerava de suma importância a análise da intenção das palavras que eram proferidas no discurso, a fim de que pudesse ser alcançada a justificativa mais apropriada para o conhecimento de si próprio e dos demais ouvintes. Essa valorização pelas palavras é notada pelo intenso uso das figuras de linguagem nas obras do leontino, que posteriormente passou a ser notado pelos estudiosos como sendo uma marca de seu estilo

discursivo. Neste sentido, convém concordar com a afirmação de Jacqueline de Romilly (2017, p. 117), de que Górgias teria descoberto “a magia do discurso e os recursos de estilo”.

O presente trabalho possui relevância tendo em vista a escassez de trabalhos sobre o uso das figuras de linguagem por Górgias, seja no âmbito da filosofia, seja no âmbito da linguística, especialmente porque, como será demonstrado nas próximas linhas, há figuras tipicamente gorgianas.

A metodologia empregada na pesquisa foi a bibliográfica, o qual se operou por meio de uma leitura filológica, bem como da análise filosófica analítica detalhada do material secundário, composto basicamente de obras que tratam do movimento sofista e seus principais representantes, bem como obras que versam sobre o estilos discursivos.

2. NOTAS SOBRE O *EPITÁFIO*

Antes de entrarmos no objeto de análise da presente pesquisa, convém fazer alguns apontamentos a respeito da obra *Epitáfio*, também conhecido como *Oração Fúnebre*. O referido texto foi escrito por Górgias como forma de homenagear os guerreiros que lutaram na guerra do Peloponeso³. Acredita-se que ele tenha sido escrito no período da Paz de Nícias (421 a.C.)⁴.

Assim, como em *Elogio de Helena* e *Defesa de Palamedes*, o *Epitáfio* é uma obra em que o trágico é utilizado como inspiração para o discurso. Como bem observador por Untersteiner (2012, p. 276) “não deve surpreender que Górgias tenha interpretado tragédias áticas, de resto, era costume dos sofistas”. A escolha por tal estilo tem uma explicação plausível: tais obras refletiam o novo momento que a *polis* vivia: intenso embate entre as tradições míticas, posto que até então o povo era muito temente aos deuses e os possíveis castigos que estes poderiam submeter a população. As tragédias gregas demonstravam ainda as novas formas de concepções de justiça que apontavam na Atenas do século V a.C.

É partir dos conflitos dos personagens que são levantadas discussões acerca dos problemas que perpassavam o cotidiano dos povos gregos antigos, especialmente a tensão entre o humano e o mítico, tão presente nas peças teatrais e obras literárias gregas. O herói grego é

³ A Guerra do Peloponeso foi um conflito armado entre Atenas e Esparta, que teve seu início no ano 431 a.C., tendo perdurado até o ano 404 a.C.. O principal motivo que ensejou talo conflito teria sido o crescimento do poderio ateniense perante as outras nações, o que levantou certo temor de uma possível submissão entre espartanos.

⁴ Período de trégua da Guerra do Peloponeso.

levado a enfrentar seus medos e a despir-se de sua áurea de semideus em busca de um senso de justiça e verdade que poderá mudar o rumo de sua vida e daqueles que o cercam⁵.

É imperioso destacar que além de mestre da arte retórica, o leontino possuía afinidade com a poesia⁶ e a respeito desse seu caráter poético de Górgias, Untersteiner (2012, p. 185) leciona que a experiência artística da poesia trágica “é figurada por Górgias quando apresenta os efeitos da tragédia em quem está prestes a escutá-la: além do terror e da piedade, ele diz, ela suscita “um pesar que acaricia a dor””. Vê-se que a escolha do trágico também possui íntima relação com a intenção de provocar emoções na plateia, conforme detalharemos na próxima sessão.

Górgias inaugura o *Epitáfio* levantando uma série de questões a respeito do que poderia ser considerado um homem bom. “Que qualidades estavam ausentes nestes mesmos homens as quais é necessário nos homens estar presentes? E que qualidades estavam presentes as quais não é necessário estar?”. A partir de tais questionamentos Górgias nos alerta para as virtudes fundamentais para a manutenção da ordem social, que seriam a piedade, o amor filial, a honestidade e a fidelidade, além do saber agir na hora certa, o saber falar no momento apropriado (*kairós*) e escolher a justa medida, invés de guiar-se por falsas justiças.

Eles adquiriram, por um lado, a virtude divina, por outro lado, o caráter mortal do homem, preferindo certamente mil vezes a doce justa medida à arrogante justiça, [preferindo] quem diz o que é mais justo ao rigor das leis, porque consagraram pelo uso a mais divina e mais universal lei: falar e calar, fazer e deixar fazer o que se deve no momento que se deve.

E exerceram as duas melhores coisas que é preciso [exercer], a razão e a força física, decidindo com a primeira e realizando [o que foi decidido] com a segunda, atenuando as dores dos que são injustamente infelizes, punindo os injustamente felizes, desdenhosos em relação ao que é vantajoso, apaixonados pelo que convém, apaziguando a demência da força física através da sensatez da razão, impetuosos com os impetuosos, prudentes com os prudentes, intrépidos com os intrépidos, terríveis com os terríveis. (GÓRGIAS *in* Dinucci, 2017, p. 83).

Vê-se pela leitura desses excertos, que o leontino tinha uma preocupação com a ordem social (*kosmos*), que deveria servir como fundamento para a criação das leis e costumes que guiariam o agir das pessoas.

⁵ As obras de Homero são um bom exemplo dessa característica das tragédias gregas. Na Odisseia o herói Ulisses é sujeitado aos mais variados tipos de conflitos e provações e ele não terá sucesso em seu intento, voltar para sua cidade natal, sem passar e vencer todos os desafios a que é exposto e toda sua luta reflete na vida de sua esposa e filho, e também do povo de Ítaca que sofre também com o fato de ter seu governante distante.

⁶ Aristóteles menciona essa aproximação de Górgias com a poesia na *Retórica* (1404a25).

Górgias finaliza o *Epitáfio* trazendo a ideia da imortalidade, ao argumentar que aquele que leva uma vida honrosa nunca será esquecido, pois estará sempre presente junto daqueles que ainda estão em vida. Desta forma, pode-se depreender que a vida que levamos e o que deixamos para posteridade são de suma importância para nossa história, para que, ainda que mortos em matéria, permaneçamos vivos dentro daqueles que ainda vivem corporalmente.

O testemunho disso: ergueram, como oferendas a Zeus, os troféus dos inimigos, oferendas de si mesmos. Não eram inexperientes nem quanto ao inato ímpeto da guerra nem quanto aos amores permitidos, nem quanto ao combate armado, nem quanto ao amor pelas belas coisas da paz. Dignos para com Zeus pela justiça, honestos para com os pais pelo cuidado, justos para com os cidadãos pela honestidade, piedosos para com os amigos pela fidelidade. Eis aí porque, tendo morrido, a saudade deles não expirou junto, mas, imortal, vive, nos corpos não imortais dos que já não vivem. (GÓRGIAS in Dinucci, 2017, p. 84).

Os acontecimentos levaram o perecimento de homens que ele considerava justo, restaria agora não permitir que eles fossem esquecidos, que a memória deles permanecessem com o povo e a maneira que ele encontrou para fazer isso foi através do seu discurso.

Feita tais considerações, passaremos a seguir a tratar sobre o uso das figuras de linguagem nas obras gorgianas.

3. A FIGURA DE LINGUAGEM COMO RECURSO DISCURSIVO EM *EPITÁFIO*

Como mencionado anteriormente, a presente pesquisa tem como objetivo investigar o uso da figura de linguagem de repetição estrutural paralelismo presente na obra gorgiana *Epitáfio*. A escolha dessa obra se deu por ela ser conhecida como o discurso gorgiano que mais apresenta exemplares das chamadas figuras gorgianas.

A figura de linguagem de repetição estrutural paralelismo aparece em 03 oportunidades durante o *Epitáfio*, sendo a primeira delas nas linhas finais do parágrafo quarto: “ímpetuoso com os ímpetuosos, prudentes com os prudentes, intrépidos com os intrépidos, terríveis com os terríveis”. A segunda aparição do paralelismo é avistável no quinto parágrafo da obra: “Não eram inexperientes nem quanto ao inato ímpeto da guerra, nem quanto aos amores permitidos, nem quanto ao combate armado, nem quanto ao amor pelas belas coisas da paz”. E o terceiro paralelismo vem logo em seguida: “Dignos para com Zeus pela justiça, honestos para com os pais

pelo cuidado, justos para com os cidadãos pela honestidade, piedosos para com os amigos pela fidelidade”. (GÓRGIAS in Dinucci, 2017, p. 84).

As figuras de linguagem se constituem como um recurso extremamente importante para o discurso, pois elas são capazes de explorar o sentido das palavras, dando a elas outros sentidos e até mesmo afastando uma estrutura gramatical, de modo que possa ser dado destaque a algum outro elemento, posto que por meio das figuras é possível extrair diversos elementos fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos das palavras. As figuras de linguagem podem ser aplicadas em qualquer tipo de produção discursiva e seus usos vão desde a coloquial ao erudito.

Por meio do uso das figuras de linguagem o orador pode expressar com maior ênfase suas ideias e suscitar as emoções de seu público e por conta desse seu poder é que se faz necessário o estudo que este recurso estilístico traz para o discurso a ponto de provocar as mais variadas sensações nas pessoas. Essa investigação deve ser realizada tomando-se não só a palavra, mas toda a construção do discurso seja ele oral ou escrito.

O uso das figuras de linguagem é algo recorrente em toda a obra gorgiana que chegou até nós. Ele utilizava o referido recurso estilístico para robustecer seu poder persuasivo. É imperioso destacar que segundo Untersteiner, Górgias é “considerado o criador” da prosa artística e um das principais características da sua prosa seria o uso das “chamadas figuras retóricas, das quais era proclamado o “inventor””. O referido autor aponta ainda que as chamadas figuras gorgianas possuem “natureza filosófica e linguística” (2012, p. 293).

De certo, pode ser considerado como um exagero considerar Górgias como o inventor das figuras de linguagem, como adverte o próprio Untersteiner (2012, p. 293), mas é fato incontroverso que o uso delas passou a ter mais relevância após o leontino usá-las de forma constante. São consideradas como figuras gorgianas a antítese, paronomásia, anadiplose, *parechema* (parequema), *homeoteleuton* (homeoteleuto) e a *parisois* ou *isoclon* (paralelismo).

A respeito das figuras gorgianas Romilly (2017, p. 120) destaca:

Desde a Antiguidade se falava das “figuras gorgianas”. Os poucos escritos seus que possuímos são ornados com esse estilo em cada linha. Assim, praticando com muitos a antítese, ele buscou repetir o efeito mediante toda classe de procedimentos: as semelhanças de sons finais, ou rimas; a igualdade do número de sílabas; o emprego de termos paralelos, seja em sua formação, na sonoridade ou em seu valor métrico. Uma prosa tão trabalhada dá, tanto quanto a poesia, a impressão de que nenhuma sílaba está lá por acaso.

Mais adiante, a estudiosa ressalta que “esse gosto pelas figuras estilísticas era apenas um dos aspectos dos quais Górgias se servia para a criação de uma prosa trabalhada, capaz de influir indiretamente nos espíritos e nas emoções” (ROMILLY 2017, p. 123).

Uma das intenções de Górgias com seus discursos era justamente mexer com as emoções das pessoas, por isso que já àquela época o leontino advogava que essa deveria ser uma das preocupações do orador, como nos lembra Casertano (2017, p. 96-97):

[...] Como possa ser assim, diz Górgias, eu o explicarei: o discurso “suscita” o sentimento; por exemplo, o discurso da poesia, de todos os tipos de poesia, que outra coisa não são senão um “discurso com metro”:
um calafrio de pavor, uma piedade que arranca as lágrimas, um desejo de abandonar-se à dor tomam conta de quem o escuta, e pelas fortunas e os infortúnios de fatos e pessoas desconhecidas a alma sofre, *por meio do discurso* alegria e dor, todas as paixões do homem dependem do discurso, para dizer melhor como o discurso (*diáton lógon*), uma sua própria forma de sofrimento (*idion ta páthema*), escudando fortunas e infortúnios de pessoas estranhas⁷.

E segue (Casertano 2017, p. 100):

Parece-me que Górgias sublinha contemporaneamente o fato de que o universo do discurso é o universo próprio do homem, do qual não é possível fugir: o discurso plasma a alma porque a persuade, e persuade porque alavanca as nossas faltas, as nossas necessidades, as nossas opiniões enraizadas no nosso passado, no nosso presente, nas expectativas que nós construímos para o nosso futuro; e não é possível fugir desse efeito, quer sejamos atores ou ouvintes de um discurso, porque ele é justamente a dimensão mais propriamente nossa [...].

Seguindo esta mesma linha de raciocínio Dominique Maingueneau⁸ (*in* MOTTA e SALGADO, 2008, p. 15), rememorando os ensinamentos de Aristóteles, assevera que:

Aristóteles descreve, então, os diferentes caracteres que o orador pode encontrar em um auditório: cabe a ele escolher as diferentes paixões que deverá suscitar. Como a virtude não é considerada da mesma maneira em todos os lugares por todas as pessoas, é em função de seu auditório que o orador se construirá uma imagem, conforme o que é considerado virtude. A persuasão não se cria se o auditório não puder ver no orador um homem que tem o mesmo *ethos* que ele: persuadir consistirá em fazer passar pelo discurso um *ethos* característico do auditório, para lhe dar a impressão de que é um dos seus que ali está.

Para Henriques (2011 p. 154) “a linguagem se integra na ordem dos fenômenos culturais e é condição natural do homem buscar seu manuseio de acordo com suas razões e sentimentos, emoções e instintos”. Mais adiante, o linguista defende que “Emoções e sentimentos se

⁷ Casertano cita trecho do *Elogio de Helena* (§9°).

⁸ Traduzido por Luciana Salgado *in* MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

intercambiam, autor e leitor se aproximam, comungando da paixão pelo signo verbal potencializado” (2011 p. 221).

Ainda sobre o efeito das palavras no discurso, Christian Platin⁹ (*in* MENDES, 2010, p. 58) argumenta que “há argumentação de uma emoção quando o discurso justifica a atribuição de um experienciado a uma pessoa [...] a intenção do discurso corresponde à conclusão será formulada como um enunciado de emoção”. Nas linhas seguintes ele reafirma seu pensamento aduzindo que “o interesse pelo léxico das emoções é partilhado entre psicólogos e linguistas” (*in* MENDES, 2010, p. 60) e alerta que para a léxico-gramática “há argumentação de uma emoção quando a questão que emerge da confrontação discursiva se apoia sobre uma emoção e, como consequência, os discursos que são construídos pelas respostas visam a legitimar uma emoção” (*in* MENDES, 2010, p. 60).

Assim, podemos afirmar que é de suma importância a escolha correta das palavras, para se atingir o efeito esperado do discurso. Outra afirmação que podemos extrair dos ensinamentos aqui expostos é que Górgias tinha uma intenção não só ao escolher os termos utilizados no *Epitáfio*, mas também ao optar as figuras de linguagem por repetição paralelismo.

A respeito dessa escolha de termos sintáticos Henriques (2011 p. 119) afiança que:

falar em adequação sintática significa falar em “bom senso e critério nas escolhas sintáticas”, tanto no âmbito da frase como no âmbito do parágrafo e do texto. Fica evidente que a chamada adequação sintática é um instrumento em favor da adequação semântica, que outra coisa não é senão a realização coerente do que se pretende dizer. Por isso concordamos com Carlos Franchi (2006, p. 102) quando afirma que “a teoria gramatical visa a estabelecer a relação entre a forma das expressões e sua significação”, ou seja, que é necessário “mostrar as correlações entre a estrutura sintática e a estrutura semântica”.

Deste modo, resta mais que evidente que Górgias possuía uma intenção clara ao utilizar do paralelismo seguidamente, posto que a referida figura de linguagem aparece em 03 oportunidades uma após a outra.

Fiorin (2014, p. 138-139) leciona que o paralelismo é uma figura de linguagem de repetição estrutural que tem origem na palavra grega “parallelós, que significa “paralelo, de maneira semelhante, análoga””. O paralelismo era chamado de isócolo na retórica clássica (iso, “igual/semelhante” e kólon, “membro/parte”). Por meio do isócolo ou paralelismo, temos a

⁹ Extraído do texto *Razões das emoções*, traduzido por Emília Mendes *in* MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia. *As emoções no discurso vol. II*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

repetição de “várias orações ou sintagmas com a mesma extensão e a mesma organização sintática” com o uso de vocábulos diferentes. O paralelismo tem como finalidade intensificar a mensagem veiculada de forma simétrica.

A primeira aparição do paralelismo em *Epitáfio* ocorre em: “impetuosos com os impetuosos, prudentes com os prudentes, intrépidos com os intrépidos, terríveis com os terríveis”. Aqui, vemos a seguinte composição frasal: adjetivo + preposição + artigo + adjetivo. Note que além da repetir a estrutura da frase, temos a repetição do adjetivo, que é o mesmo no início e no fim de cada estrofe. A ideia que Górgias quer dar ênfase nesse excerto é a que devemos tratar as pessoas na mesma medida/proporção que somos tratados.

A segunda ocorrência do paralelismo que encontramos no *Epitáfio* se dá no excerto: “Não eram inexperientes nem quanto ao inato ímpeto da guerra nem quanto aos amores permitidos, nem quanto ao combate armado, nem quanto ao amor pelas belas coisas da paz”. Nessa estrofe, a estrutura que se repete é composta por locução conjuntiva + preposição + predicativo do sujeito. Com essa construção, Górgias pretende intensificar a tese de que os guerreiros tinha plena consciência de suas ações e as consequências que os tempos de guerra ocasionavam em suas vidas. Os guerreiros eram pessoas boas, posto que sabiam apreciar as coisas belas que os tempos de paz proporcionam, e ao mesmo tempo eram conhecedoras das efeitos negativos da guerra, como ficar longe dos entes queridos, além de serem experientes com os atos que uma luta armada exige.

A terceira e última vez em que vislumbramos o paralelismo no *Epitáfio* é em: “Dignos para com Zeus pela justiça, honestos para com os pais pelo cuidado, justos para com os cidadãos pela honestidade, piedosos para com os amigos pela fidelidade”. Aqui vislumbramos a seguinte organização frasal: adjetivo + locução prepositiva + substantivo + preposição + adjunto adnominal. Nesse parágrafo o leontino usa do paralelismo para discorrer a respeito do resultado das ações dos homens que lutaram na guerra.

Como bem salientado por Fiorin (2008, p. 120) “O enunciador pode combinar figuras ou temas do discurso do discurso de tal maneira que chame a atenção do enunciatário para determinados aspectos da realidade que descreve ou explica”. Pela leitura dos excertos apresentados temos que Górgias utilizou magistralmente do paralelismo para reforçar a ideia de que os guerreiros agiram da melhor forma para agradar a Zeus e os demais cidadãos.

Deste modo, temos que Górgias fez uso do paralelismo para, além de trabalhar as emoções de sua plateia, reforçar a tese defendida nas linhas finais: os guerreiros eram pessoas honradas e, apesar de terem perdido suas vidas para defender a Hélade, eles permaneceriam vivos no íntimo de cada cidadão na medida em que se tornaram imortais pelos seus atos de bravura.

CONCLUSÃO

As figuras de linguagem tem o poder de aproximar os ouvintes/leitores de seu comunicador, pois elas despertam as mais variadas sensações, auxiliando o orador a conduzir seu público para a emoção desejada (raiva, piedade, medo, dentre outras). A opção pelo uso das figuras tem, portanto, uma explicação psicológica, e não meramente filosófica ou linguística. Quando um comunicante conhece o seu público e a potência das palavras, se torna quase impossível não convencer a plateia da ideia que está sendo defendida.

Estudos apontam que a eloquência discursiva do leontino estava ligada ao seu interesse e zelo pela língua. Górgias considerava o conhecimento das palavras uma aliada inseparável de um bom discurso. Não a toa, ele utilizava vários recursos estilísticos em seus discursos retóricos para dar força à mensagem que estava sendo veiculada. Em muitas oportunidades, o leontino fez uso de das figuras de linguagem, as chamadas figuras gorgianas, para dar ênfase em suas comunicações.

A figura gorgiana mais recorrente é a antítese, mas em *Epitáfio* temos outra figura gorgiana que aparece com frequência: o paralelismo. Por meio do *parasois* ou *isoclon* Górgias reforça a tese de que a imortalidade está intimamente ligada à noção de homem bom e suas benfeitorias. A lembrança que gera saudade e torna os bons e dignos imortais, o que ele acredita que ocorrerá com os guerreiros mortos na Guerra do Peloponeso.

Esse uso constante das figuras de linguagem e outros elementos discursivos foram alvos de muitas críticas ao estilo gorgiano, notadamente fomentados pelas críticas que Platão tecia à época¹⁰. No entanto, não se pode olvidar que essa preocupação com o discurso enriqueceu os

¹⁰ Convém pontuar que até mesmo Platão, um dos maiores críticos do movimento sofista, reconhecia a relevância dos pensamentos dos sofistas, e isto é bem perceptível em suas obras, na medida em que Platão não se limita a fazer críticas, mas também constrói boa parte de seu pensamento filosófico tendo como ponto de partida as ideias sofisticadas, como forma de responder aos questionamentos feitos por estes pensadores. Ademais, A visão platônica sobre os sofistas não merece mais espaço diante de tudo que vem sendo exposto nos últimos anos pelos estudiosos do

estudos acerca do estilo retórico e é utilizado até os dias atuais como exemplo em diversas obras que versam sobre estilo discursivo, especialmente quando o assunto é a retórica clássica.

Deste modo, resta claro o motivo pelo qual os discursos de Górgias eram tão eloquentes e faziam demasiado sucesso em Atenas: ele conhecia as palavras e, como dito, tinha admiração pela linguagem. Compreendendo esta premissa, fica fácil inferir que qualquer que fosse a figura de linguagem empregada, Górgias conseguiria atingir o fim do seu discurso que era, antes de tudo, convencer o público de sua tese.

REFERÊNCIAS:

ARISTOTELES. **Retórica**. 1 edição. 1 reimpressão. Tradução, textos adicionais e notas: Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2017.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

BEZERRA, Antônio Ponciano. **Estilística**. São Cristóvão: UFS – CESAD, 2010.

BARBOSA & CASTRO. **Górgias: Testemunhos e Fragmentos**. Lisboa: Colibri, 1993.

CASERTANO, Giovanni. **Sofista**. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2010.

CASSIN, Barbara. **O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura**. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005.

DINUCCI, Aldo. **Górgias de Leontinos**. São Paulo, Oficina do Livro, 2017.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

movimento. Impende destacar ainda que a visão negativa do termo “sofista” ganhou mais relevância na idade moderna, do que na própria Grécia Antiga, conforme aponta CASERTANO (2017, p. 10).

_____. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

GADAMER, H. G. **Verdade e método I**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2005.

GUTHRIE, W. K. C. **Os Sofistas**. 2 ed. Tradução de João Rezende da Costa. São Paulo: Paulus, 2007.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Estilística e discurso**: estudos produtivos sobre texto e expressividade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

KERFERD, G. B. **O movimento sofista**. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MARQUES, Marcelo P. (org), **Filosofia dos Sofistas: Hegel, Capizzi, Versényi, Sidgwick**. Tradução de Verlaine de Freitas et al. São Paulo: Paulus, 2017.

MARTINS, Renata Renovato. **A retórica de Górgias: considerações sobre o Górgias de Platão e sobre o Górgias histórico**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2011. 94f. Dissertação (Mestrado), Departamento de Filosofia, PUC-RIO, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=19315@1> >. Acesso em 31/09/2019.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa**. São Paulo: EDUSP, 2008. Disponível em: https://www.livrebooks.com.br/livros/introducao-a-estilistica-nilce-santanna-martins-_xryirtxcwmc/baixar-ebook. Acesso em 05/04/2022.

MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lucia. **As emoções no discurso vol. II**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

MOREIRA, Juzelly Fernandes Barreto. **Estilo, texto e sentido**. Natal: IFRN, 2019. Disponível em:

<https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1772/Estilo%2C%20texto%20e%20sentido.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 24/03/2023.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

PLATÃO. **Diálogos I: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas)**. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007.

_____. **Diálogos II: Górgias (ou da retórica), Eutidemo (ou da disputa), Hípias Maior (ou do belo), Hípias Menor (ou do falso)**. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007.

REALE, Giovanni. **Sofistas, Sócrates e Socráticos Menores**. 2ª edição. 1ª reimpressão. São Paulo: Edições Loyola, 2017 [2013].

ROMILLY, Jacqueline de. **Os grandes sofistas da Atenas de Péricles**. Tradução de Osório Silva Barbosa Sobrinho. São Paulo: Octavo, 2017.

SANTOS, Maria Leonor Maia dos. **Um problema na distinção entre sentenças contrárias e contraditórias**. Disponível em:

http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Maria%20Leonor%20Maia%20dos%20Santos.pdf Acesso em: 05/04/2023.

SIDI, Pilar de Moraes.; CONTE, Elaine. **A hermenêutica como possibilidade metodológica à pesquisa em educação**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 12, n. 4, p. 1942-1954, out./dez. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n4.out./dez.2017.9270>>. E-ISSN: 1982-5587. Acesso em 26/07/2020.

SILVA, S. P. da. Estilo e estilística em Bakhtin e Volóchinov: perspectivas em diálogo. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 79-103, 2020. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v33i3p79-103. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/173212>. Acesso em: 24/03/2023.

TERRA, Ernani. **Minigramática**. 11 ed. São Paulo: Editora Scipione, 2020.

UNTERSTEINER, Mario. **A obra dos sofistas: uma interpretação filosófica**. Tradução de Renato Ambrósio. São Paulo: Paulus, 2012.